

BIOGRAFANDO OS COSTUMES E SABERES DO PAJÉ MACIEL DO POVO KANINDÉ DE ARATUBA, CEARÁ

Antonia Aldeniza Silva Santos

Resumo

O artigo é desdobramento de minhas investigações para a realização de meu Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Programa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB. Trata-se do trabalho acadêmico de uma mulher indígena do Povo Kanindé objetivando biografar os costumes e saberes do Pajé Maciel do Povo Kanindé de Aratuba, Ceará. A biografia do Pajé Maciel, rememorada, evoca a ancestralidade da própria memória-histórica dos Kanindés transmitidas de boca em boca pela tradição oral. Dessa forma, metodologicamente as biografias indígenas resultam um ato político de engajamento na luta contra séculos de “silenciamentos” das histórias indígenas.

Palavras-Chave: Biografia. Indígenas. Kanindés.

Abstract

The article is an offshoot of my investigations for the completion of my Course Completion Work in the Interdisciplinary Baccalaureate in Humanities of the Program at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony-UNILAB. This is the academic work of an indigenous woman from the Kanindé people, aiming to biograph the customs and knowledge of the Pajé Maciel of the Kanindé people of Aratuba, Ceará. The remembered biography of Pajé Maciel evokes the ancestry of the historical memory of the Kanindés transmitted by word of mouth through oral tradition. In this way, methodologically, indigenous biographies result in a political act of engagement in the fight against centuries of “silencing” of indigenous histories.

Key words: Biography. indigenous. Kanindés.

INTRODUÇÃO

“Então, entreguei a você minhas palavras e lhe pedi para levá-las longe, para serem conhecidas pelos brancos, que não sabem nada sobre nós. Ficamos muito tempo sentados, falando, em minha casa, apesar das picadas das mutucas e piuns. Poucos são os brancos que escutaram nossa fala desse modo. Assim, eu lhe dei meu histórico, para você responder aos que se perguntam o que pensam os habitantes da floresta”.

(KOPENAWA; BRUCE, 2015, p. 63).

(Trecho do livro “A queda do Céu - palavras de um xamã yanomami”, de Davi Kopenawa)

Este artigo é um esforço pessoal como mulher indígena do Povo Kanindé em conquistar a graduação no Bacharelado Interdisciplinar Humanidades do Programa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB. A temática é sobre a biografia dos costumes e saberes do Pajé Maciel do Povo Kanindé de Aratuba, Ceará.

O objetivado é mostrar como os nossos troncos velhos são fonte de conhecimento vivo e que suas “memórias” nos fazem repensar a forma de vida de geração para geração, evidenciando assim como é importante pesquisar a respeito das nossas origens e entendê-las.

Por décadas os povos originários foram silenciados pela historiografia, após a vinda dos portugueses que se denominam “descobridores” do Brasil, tomaram os seus territórios e modificaram o modo de vida e o direito de expressão dos povos indígenas.

As autobiografias/ biografias indígenas começaram a ter espaço no campo da etnologia com o evento das retomadas de terras, os indígenas então começaram a ser protagonistas e produtores de suas próprias (auto) biografias. Narrar a vida de um indígena ou de si, é uma forma de arquivá-lo, torná-los memórias e dá nomes aos acontecimentos.

Sabemos que autobiografias são além da história de vida de um indivíduo, mas também de seus antepassados, que nos fazem viajar pelo tempo.

Para (BARBOSA; MESACASA; FAGUNDES, 2018, p. 125),

A emergência do protagonismo dos povos na luta por direitos políticos, além dos estudos voltados para o reconhecimento dos direitos territoriais desses

povos impôs aos historiadores o desafio de considerar a tradição oral dessas populações. A emergência do reconhecimento, até então negado, dos indígenas como sujeitos históricos reforçou a necessidade de uma maior preocupação teórica e metodológica do olhar historiográfico sobre essas populações.

Quando nós indígenas escrevemos autobiografias e biografias é uma forma de fazermos a pessoa narrada voltar no tempo e encontra um “eu” que pode ter se perdido com o passar dos anos, é resgatar uma cultura que se não for cultivada morrerá com os troncos velhos, são costumes, saberes, vivências importantes para o crescimento de novas gerações e para a formação de novas lideranças. Relatos biográficos acontecem através de memórias contadas por outros, como nascimentos, sua origem, os primeiros anos de vida, são coisas impossíveis de nós mesmos recordamos, são através de lembranças de outros, seja conhecido ou parentes e assim podemos saber quem somos.

Posto isso, a biografia do Pajé Maciel é o ponto de partida principal para o entendimento de identidade, pôr isso é importante a escrita de trabalhos usando a oralidade. Para tanto, utilizamos o método qualitativo de forma descritiva- explicativa, feitas entrevistas com o Pajé Maciel, observações diretas, dissertação, artigos, fotografias, gravações que nos fez compreender costumes e saberes de vida do Pajé. Onde usamos de recursos e equipamentos como notebook, celular (fotografar e filmar), caderno e caneta para as anotações para um melhor desenvolvimento da pesquisa pois “Abordar o fenômeno da oralidade é defrontar-se e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo de comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humana” (FRANCO, 2004, p. 64).

Não existe fonte de conhecimento, mas rica que a biografia de um troco velho, deixar isso registrado para que todos possam conhecer suas “memórias” é fundamental, pois contribui para que outros possam ouvir a sabedoria de suas raízes, e ainda, serve de fonte de conhecimento para aqueles que estudam os povos originários do Brasil.

A oralidade pretende busca os dois lados da história, e que quando se trata das histórias de povos indígenas sabemos que por muito tempo foi distorcida pelos europeus, onde não contam que destruíram seus territórios, abusaram das mulheres, os escravizaram e tentaram apagar sua cultura com a tentativa de civiliza- lós.

Sobre isso, (SILVA, 2013. p. 36), diz que,

Mais do que “dar voz”, contudo, a história oral permite aos pesquisadores que se ouça e veja o Outro, entendendo a lógica desse Outro situado em contextos culturais diversos. Pode-se dizer, então, que o historiador deve “dar ouvidos” ao que o Outro fala, abandonando, assim, uma postura autoritária de tentar ser o porta-voz de quem quer que seja.

Quando se escreve biografias indígenas, as histórias dos povos se fortalecem, principalmente quando esses narradores são indígenas e que contam suas lutas, que sabe sua essência, sua história, por isso falar de uma liderança da aldeia, é falar sobre a importância política de lideranças e seu povo.

A este respeito, (RICOEUR, 1983, p. 141), comenta que,

Falar de uma vida humana, como de uma história em estado nascente se não há experiência que não esteja mediada por sistemas simbólicos, entre eles aos dramas temporais da existência fora das histórias contadas a respeito por outros ou por nós mesmos?

Ouvir e poder escrever sobre a trajetória de vida de um troco velho é se espelhar no que podemos nos tornar um dia como indígena, é se apegar ao pensando sobre como antigamente se falava ser índio. Entender como hoje mesmo com a dificuldade para nos aceitar somos 15 povos indígenas somente no Ceará. São indígenas que com a colonização tiveram que avançar, com a tecnologia, são modernizados, mas não se esquecem de quem são, não se esquecem de seus costumes e tradições.

DESENVOLVIMENTO

Com o avanço da tecnologia podemos além de escrever, pode-se fotografar, filmar, fazer gravações de voz, assim podendo ganhar outro rumo além da escrita, com esse avanço pode-se guardar essas narrativas de formas, mas segura, para que não se perca. De acordo, com Neves, “a História Oral possibilita o afloramento de múltiplas versões da história, portanto, potencializa o registro de diferentes testemunhos sobre o passado, contribuindo para a construção da consciência histórica individual e coletiva”. (NEVES, 2000, p. 115). A memória consegue transmitir casos que faz parte do cotidiano de um coletivo, capaz de mudar toda a história de uma classe ou comunidade, é uma fonte de conhecimento que pode fazer grandes mudanças na vida de pessoas que não conhece a história de seu lugar de origem e de seus antepassados.

De forma complementar, para (FRANCO, 2004, p. 64),

Essa histórica oralidade é, essencialmente, o registro da memória viva, embora etérea, de uma comunidade, de uma família e de uma pessoa. É esta sua natureza, que lhe confere o fascínio e a singularidade. Porque efêmeros são os gestos, as expressões, as inflexões da fala, os sentimentos, ou sejam, as linguagens do corpo e da alma, na altura em que se usam e se trocam dentro de um sistema de relações sociais e culturais. A sua força vem da sua subjetividade e o seu poder da autenticidade do narrador. Ela é o registro da transmissão do conhecimento, feita através da sutileza da língua falada.

Manoel Constantino de Souza, o Pajé Maciel como é conhecido pelo povo Kanindé, nasceu em 06 de março de 1932, na localidade de Fernandes, a cerca de 5 km da sede de Aratuba, mais precisamente no maciço de Baturité. Primogênito de José Constantino de Souza e Francisca Maria da Conceição, teve duas irmãs: Raimunda Constantino dos Santos e Maria José Constantino dos Santos (Zeza).

Segundo (GOMES, 2019, p. 277), Pajé Maciel é

Um homem sábio, já idoso, pouco via de um olho e que usava bengala para deslocar em trechos mais longos, muitas vezes á pé, pelas “quebradas”, subindo e descendo. O Pajé Maciel mantinha um semblante firme e portentoso, digno de quem pode relata fatos de uma vida de resistência à exploração, marcante em suas memórias – exemplificada pelas diversas vezes em que, por conta do gênio desafiador e insubmisso, foi expulso de fazendas onde morava e trabalhava para algum patrão. “Em terra de cego, quem tem olho é rei”, dizia apontando sempre para o olho que via melhor.

Casado com Maria Felipe dos Santos, conhecida como dona Júlia, tiveram 09 filhos sendo 07 homens e 02 mulheres. Matrimônio firmado em 17 de setembro de 1954, este fortalecido pela cumplicidade, companheirismo e dedicação para criar seus filhos mesmo diante das dificuldades enfrentadas. O casal ainda reside na Aldeia Fernandes, precisamente no quebra-faca (como é denominado), vivendo dias rodeados de prosas e lembranças.

Pajé Maciel tem uma grande representatividade para o Povo Kanindé como líder espiritual, com um legado histórico cultural da etnia e especialista da caça e ervas medicinais (plantas dos matos, como se refere) e contagiante com sua alegria e seu jeito extrovertido de ser, passou seus ensinamentos para os filhos, como a luta para a retomada terra da Gia onde plantam seus roçados, o legado de artesanato de madeira, a caça e os saberes sobre as ervas e cascas medicinais. E além do seu legado histórico, seu caráter de um homem íntegro, justo refletem sobre sua história.

As recordações do Pajé Maciel são vivas e presentes em suas contações de histórias. Relembra fatos marcantes em sua composição familiar, onde seu pai constituiu uma nova família casando novamente, destaca que sofreu maus tratos por parte de seu pai

e sua madrasta, lembranças estas marcantes para o mesmo, pois foi uma fase de adaptação de uma nova família, mas que deixaram marcas que até hoje são contadas e sentidas.

Algumas lembranças de suas andanças com seu padrinho pelos sertões, que viviam acampando nos matos e utilizavam burros como meio de transportes e água em cabaças, são narradas com entusiasmo, pois o mesmo conta das aventuras. Fatos relacionados a infância e adolescência demonstram e materializam que as vivências do Pajé Maciel se tornaram fortes características para a construção de saberes que até o presente são vivas e pertencentes ao seu cotidiano.

Ao relatar que costumavam trabalhar por várias regiões do sertão, quando morou no assentamento Santa Helena, mas conhecido por Pedreira, localizada próximo de Canindé. Onde participava de coletivos nos meados das décadas de 60/70, tendo como definição um grupo de pessoas que se juntam em prol de um processo de produção: roçados, cercas e estradas.

Relembra que ao ver seu pai produzir pequenas peças de madeira, o mesmo teve curiosidade e decidiu também produzir algumas peças. Conta com detalhes o tipo de madeira, em uma de suas falas descreve a sua primeira peça e muito orgulhoso destaca, uma colher de pau que durou 07 anos. Em uma de suas falas, relata com ricos detalhes como tudo iniciou.

Quando foi um dia o papai tinha lá um João mole dessa grossura assim (faz o gesto) abaixo da casa, e um dia ele cunversando ele disse: Eu vou tirar aquele pau pra fazer uma cuié de pau aqui pra casa que aqui num tem uma cuié de pau. Aí eu pensei, vou já expermentar se eu faço aquela cuié de pau, bora o papai bringue cumigo mais eu vou fazer. Aí eu tirei o João mole, abri aí fiz a cuié de pau. (Pajé Maciel).

Ao longo do tempo seu aprimoramento e dom com a madeira foi crescendo. Destaca que ele mesmo criou ferramentas (de ferro) para moldar suas peças de madeira, além de colheres também iniciou a produção de travessas, conchas, gamelas. Sendo este dom e legado histórico repassado para os seus filhos, que desde novos ao ver seu pai fazendo as peças também iniciara.

Sobre este processo, Pajé Maciel rememora que,

foi pelo interesse deles, eles mesmo pela cabeça deles, da inteligência deles fizeram. [...] eles achavam uns pedacim de pau que tinha, às vezes eu tinha aqui eles inventava umas coisinhas né, até que foram indo, depois de grande deram para tirar a madeiriazinha deles. [...] aprenderam da memória deles, como eu aprendi.

Até hoje Pajé Maciel trabalha com essa fonte de artesanato, destacando que ele e seus filhos são os únicos da Aldeia a trabalharem com o artesanato de madeira. Pajé destaca em sua fala 3 de seus filhos que participam da feira de agricultura familiar, João Maciel e Manoel Maciel que fazem lindas peças de madeira e Chico Maciel que apresenta para a cidade variedades em casca, raízes, sementes que fazem uso para tratamento de doenças em casa, doenças essas como inflamações, azia, dores nas costas e estomago, etc., conhecimento esse herdado pelo próprio Pajé. Tendo visto que este legado é a preservação de nossa cultura, tendo relevância a participação familiar e apropriação.

Além do trabalho com madeira, Pajé Maciel também trabalhou na roça com a produção de feijão, milho e fava e nos conta que são práticas herdadas por seus antepassados e preservada até os dias atuais. Para o cultivo e a colheita é preciso respeita o tempo, e ir conforme as estações, para começarem os processos de preparo da terra para plantar, cuidar e colher. Relembra as secas que enfrentou, as dificuldades de acesso à água e escassez, muitas vezes na produção de alimentos, pois era comum as grandes secas que assolavam o Ceará.

Estes são elementos da produção material da cultura que vão definindo a etnicidade do povo Kanindé.

Segundo (CHIRIBOGA, 2006, p. 04),

Os usos, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais inerentes - que as comunidades, os grupos e em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é recriado constantemente pelas comunidades e grupos em função de seu entorno, sua integração com a natureza e sua história, infundindo-lhes um sentimento de identidade e continuidade e promovendo o respeito da diversidade cultural e da criatividade humana.

O processo de reconhecimento étnico como indígena Kanindé como relata o Pajé Maciel se dar pelos costumes como: caça, cultivo, casas de taipa, comidas brabas e suas andanças na mata. Costumes estes que reafirmaram o processo de autoafirmação étnico- cultural. O medo era constante devido às represálias e preconceitos por parte dos brancos, dificultando o fortalecimento do movimento indígena.

A tarde se torna pequena para ouvir as histórias do Pajé Maciel. Histórias da andança na mata para caça, sobre as armadilhas usadas, como usos de arapucas, quixós, espingardas e chamariz, para a captura de mocós, tejos, veados, peba, nambus, seriemas,

juritis, sempre respeitando a natureza e o tempo de reprodução desses animais. A caça vai além de uma busca atrás de um animal para alimentação, mas também uma representação de identidade e vivenciadas desde nossos ancestrais.

Para (OLIVEIRA, 2019, p. 278),

Maciel, sábio das matas e das caças, dos encantos e das florestas, narrador de um passado singular. [...] Em nosso olhar, o Pajé incorporava uma *persona* notável que marcava o jeito de ser Kanindé. E era sempre ao tocar no assunto da caça, que vinham suas várias histórias de segundo ele, sob a forma que quisesse, desde um animal qualquer até um ser negrinho, de estrutura mediana e sempre empunhando um fumacento cachimbo. Adora fumo. Entra na mata sem fumo, nem pensar, dizia.

Pajé Maciel gosta também de contar sobre os protetores da mata, como a caipora, onde o mesmo fala que quando mais jovem em suas idas para caçar escutava os assobios e barulhos de garranchos quebrando, mais nunca a viu, mas que não podia entrar na mata sem levar um pouco de fumo para ela, colocava em cima de uma pedra e daí desaparecia. Vivências na mata, costumes e saberes herdados dos seus antepassados que fortaleceram sua identificação étnica, remete esses elementos históricos de sua trajetória como resistência e sua luta para o povo Kanindé.

Após inúmeras migrações os Kanindé resistiram por manter viva em seu dia-a-dia práticas culturais, traços étnicos, costumes e saberes daqueles que sofreram com a chegada dos invasores, para ser reconhecidos participaram de assembleias com alguns povos que já estavam mais avançados nesses processos de ressurgimento. Pajé destaca em uma de suas memórias uma conversa com Sotero, cacique da aldeia após decidiram não ter, mas medo de represálias dos brancos.

Maciel, assim comenta,

Nos ia num caminho da rua, lá perto onde queimaram uma barriguda, nós ia conversar, aí ele disse que queria combinar uma coisa comigo se tu quiser tu é o Pajé, e se tu num quiser tu é o cacique e eu o Pajé.

Em sua oralidade e narrativas das trajetórias pajé Maciel faz uma relação entre as memórias e processo de reconhecimento já descritas acima.

Aí eu fiquei, andei, andei um pedaço imaginando, fui imaginar: Rapaz eu fui nascido no mato, não fui nascido no mato bem dizer, mas fui criado bem dizer no mato, só vivia em casa de taípa, na casa do mato e peguei a me entender de gente no mato, cumendo batata braba do mato, cumendo caça do mato o que é que eu quero ser? Aí eu disse pra ele: Sotero eu sou o pajé mesmo. Fico como pajé mesmo porque o pajé é só na roda da turma, agora o cacique eu fui caçar

no sentido que o cacique era pra adquirir as coisas pra aldeia né, mas quando chegasse era pra ser passado na mão do pajé também, dos dois combinados como era. (Pajé Maciel)

Em sua memória é bastante viva a famosa “Retomada terra da Gia”, terra onde até hoje é utilizada pelos Kanindé para a produção de alimentos e de muita importância para o reconhecimento étnico desse povo.

O processo de delimitação da terra do povo Kanindé teve seu início com um acirrado conflito, em 1996, pela disputa em torno da “Terra da Gia”, antigo nome do atual território da etnia, que envolveu todo o povo Kanindé diante de um grupo de trabalhadores rurais que queriam incluir parte da terra indígena nas áreas de cultivo da fazenda Alegre. No entanto, a área em questão já era tradicionalmente dos Kanindé, que a utilizavam para a caça, agricultura familiar e desenvolvimento de suas tradicionais práticas culturais relacionadas à ancestralidade do povo indígena Kanindé. (MARTINS; SANTOS, 2016, p. 3)

A delimitação do nosso território foi resistência e sobrevivência, contada pelos nossos troncos velhos e perpassadas até hoje, é a nossa história, tendo ênfase nesse processo histórico que marca a luta do povo Kanindé. Pajé Maciel relembra com ricos detalhes a “Retomada da Terra da Gia”.

Primeiro foi assim nois tava brocando o coletivo nos enriba, aí eles vieram de lá que queriam tomar, aí lá enriba numa chapada que tinha, de lá donde nois tava brocando nois via eles enriba cunversando, cunversando lá tucaiado lá que era pra tirar nois, pra tirar nois que era pra tomarem a nossa broca[...] nois era umas 50 pessoas. (Pajé Maciel).

Por muito tempo trabalhavam em suas terras, mas para outras pessoas, até que resolveram luta pelo que era de fato dos kanindé, quando se descobriram indígenas caíram a fixa de que à terra era deles, que podia trazer vários benefícios para o povo. A luta pela Gia era além de uma briga por um pedaço de terra, representava muito além, tinha valor simbólico como um patrimônio para os índios Kanindé, era uma memória ancestral guardada e presente nessa terra.

Segundo (OLIVEIRA, 2011, p. 228),

A categoria “descobrimento” abarca o processo de reinterpretação que os Kanindé faziam de sua trajetória histórica enquanto grupo social, fundamental em sua afirmação como povo indígena. Através da luta pela Gia, “descobriram” o que já eram só não tinha consciência. Já era assim com os antepassados-as várias gerações que trabalharam pela renda da Gia- índios, mas como não- ou preferiam esconder – não afirmava isso abertamente.

Somos vítimas da prática religiosa implementada pela igreja cristã dada na invasão do Brasil, em que até hoje é presente nos territórios indígenas, mas os povos

originários não deixaram sua cultura e suas crenças acabarem. Mais junto a colonização e com a religiosidade cristã nossos territórios passaram a idolatrar ou ser devoto de algumas entidades.

Pajé nos conta sobre a devoção dos Kanindé por São José; esposo da virgem Maria, escolhido para ser pai de Jesus, padroeiro da capela localizada em nossa aldeia, construída por moradores. No mês de março ocorre o festejo de São José, nove novenas, que se reúnem para pedir por proteção aos agricultores, bom inverno e ótimas colheitas.

Pajé Maciel também trabalhou na roça com a produção de feijão, milho e fava e nos conta que são práticas herdadas por seus antepassados e preservada até os dias atuais. Para o cultivo e a colheita é preciso respeitar o tempo, e ir conforme as estações, para começarem os processos de preparo da terra, plantar, cuidar e colher. Relembra as secas que enfrentou, as dificuldades de acesso à água e escassez, muitas vezes na produção de alimentos, pois era comum as grandes secas que assolavam o Ceará.

Quando o inverno demorava, roubavam a imagem de São Jose, para que o inverno viesse, a chuva era esperada até dia dezanove de março dia de são Jose, apenas nessa data devolviam a imagem a capela. Lembro das grandes caminhadas com a imagem para o rajado (território de plantio dos Kanindé), saiam em posição orando para que houvesse invernos em tempos de seca. (Pajé Maciel)

A relação do povo com São José é para melhoria da agricultura familiar, para haver terras fartas, bons alimentos para o uso do dia- a -dia da família, que as chuvas encham os reservatórios, rios, cacimbas e açudes para as regiões secas, tanto para pessoas beber e lavar, quanto para os animais.

As dificuldades que passava para o sustento e sobrevivência de seus filhos, o mesmo passava de semanas trabalhando para fazendeiros e para isso era preciso dormir longe de casa, era distante para ir e vir todos os dias. O meio de transporte na época era o jumento, que quase todos possuíam um ou dois. Mesmo assim era um trajeto longe e optava por permanecer no lugar de trabalho. Muitos de seus filhos já crescidos se obrigavam a ir para o açude pescar para não ficarem com fome, na época era feito o peixe na água e no sal sem tempero algum. O ganho do Pajé Maciel era pouco e os filhos eram muitos como citei no começo, mas desde cedo aprenderam a trabalhar e ajudar a colocar comida em casa, assim fala o mesmo.

Sobre esse processo, Maciel diz que,

[...] de 58\59 pra ca foi que vei aparecer esse negocio de transporte, não tinha transporte não! O transporte que eu me recordo quando vim me entender de

gente era os ônibus da itapiúna, os molengos, era o transporte que tinha acula na pista (aponta) aqui mesmo não tinha nada não, era so animal. Esses fazendeiro rei quando ia pro sertão, no inveno descia era os comboi, descia pra trabalhar, quando chegava verão subia de novo, andava nesses camim que antes era so vareda, não topava uma pessoa de bicicleta ou moto, tinha não. (Pajé Maciel)

Como percebemos, mesmo com a passar do tempo as lembranças são nítidas em sua memória seja elas boas ou ruins. Em seus relatos contou sobre a perda da visão de um de seus olhos, não lembra a data exata, mais que estava fazendo uma cerca para fechar o terreno de seu plantio, quando ao bater o grampo com o martelo, o grampo pulou em direção a seu olho, pegando as costas do grampo, mas o suficiente para o olho ficar vermelho de sangue. Com tristeza fala que talvez não tivesse perdido a visão se não tivesse aceitado ajuda de uma conhecida que fez um preparo de leite de gado com sal, foi quando agravou a lesão e todo o olho ficou cinzento. E com as dificuldades da época demorou a ir ao hospital e vindo a não ter como recuperar sua visão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto de caráter biográfico tem como ideia deixa escrito o legado cultural de nossos ancestrais, falar em biografias ou autobiografias de indígenas é tratar de um assunto pouco investigado principalmente no mundo acadêmico dos brancos. Assim é fundamental que indígenas comecem a escrever ou relatar suas memórias, principalmente quando se trata da riqueza da cultura de povos que não podemos deixa se perder, é uma maneira de deixar registrada histórias que só era repassada oralmente de geração, para geração sendo assim em minha pesquisa usei bastante a oralidade como fonte de conhecimento que buscam entender o passado

Assim como vários povos, os Kanindé de Aratuba se autoafirmaram através de histórias orais contadas por idosos da comunidade, que por medo de represálias se mantiveram em silêncio. Daí as gerações diante começaram a lutar por reconhecimento étnico e seu território. A oralidade é uma das ferramentas mais usada metodologicamente em estudos da história indígena, onde possibilita o estudo do sujeito no seu profundo e junta elementos que fortalece as historicidades.

Ao sentar no alpendre da casa do pajé Maciel enquanto lixava algumas peças de madeira onde ele compartilha suas histórias e relatos de sua trajetória de vida citados em partes do texto de modo a possibilitar um entendimento de quem o Pajé Maciel é sua

biografia permite a recuperação de uma história de vida jamais documentada, lembranças significativas como as que o pajé nos conta.

Espero que as vozes indígenas sejam ouvidas e sua trajetória seja contada através deles mesmo, sem tira e nem acrescentar nada sobre sua cultura e suas migrações, para saberem quem são os verdadeiros donos das terras que os portugueses invadiram, destruíram e tentaram apagar os povos que ali existiam.

É preciso desconstruir a história através dos europeus, onde os povos indígenas são apresentados como selvagens, preguiçosos e que vivem preso ao passado. Somos identificados por nossa cultura, lutas, tradições, costumes e saberes herdados por nossos antepassados, e que conforme o tempo e a modernização não deixamos isso morrer, mas avançamos juntos com a tecnologias.

Contribuir para o crescimento de biografias/autobiografias de indígenas e principalmente narrativas escritas por indígenas e recorrendo à oralidade e rememorando, que fale de costumes e saberes, e de lideranças de povos que promoverá impactos incríveis.

Irá acarretar aos simpatizantes pela luta indígenas a trabalhar, mas sobre essa perspectiva de memórias de vidas e de uma forma, mas prática e possa tirar bastante conhecimento e que também fara com que a história de afirmação do nosso povo jamais seja esquecida e que sirva de fonte de estudos no meio acadêmico e para o ensino da educação indígena.

Finalmente, esse trabalho é uma forma de manter viva a existência do meu avô pajé Maciel, uma tentativa de apresenta ele para aqueles que não o conhecem e que dessa forma sinta o quanto ele é uma figura que representa o que é ser indígena, um guerreiro que luta por seu povo e pelo que acredita ser de verdade.

REFERENCIAS

BARBOSA, Joao Mitia; MESACASA, Roseline; FAGUNDES, Marcelo. **A oralidade como fonte para a escrita das histórias indígenas**. Tellus. Campo Grande. Set./ out. de 2018.

CHIRIBOGA, Ruiz Oswaldo. **O direito à identidade cultural dos povos indígenas e das minorias nacionais: um olhar a partir do sistema interamericano**. Revista Internacional de Direitos Humanos, 2006.

FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. **Raízes & Memórias: O florescimento Histórico-Educativo em Esperantina (1930-1960)**, Dissertação (Mestre em Educação) do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2004.

GOMES, Alexandre Oliveira. **Museus Indígenas, mobilizações étnicas e comopolíticas da memória: Um estudo Antropológico**. Tese de Doutorado – programa de Pós- Graduação em Antropologia do Departamento de Antropologia de Museologia da Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2019.

MARTINS, Suerdo Gomes; SANTOS, Suzenilson da Silva. **Pelas veredas da memória: história, afirmação étnica e organização comunitária entre os índios Kanindé**. 2016. 49 f. (Monografia em Licenciatura Intercultural Indígena) – Programa de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

NEVES, Lucília de Almeida. **Memória, história e sujeito: substratos da identidade**. História oral, v. 3, 2000.

OLIVEIRA, João Pacheco. **O relatório provincial de 1863 e expropriação das terras indígenas**. In: OLIVEIRA, João Pacheco (Org). *A presença indígena no Nordeste*. Processos de territorialização, modos de reconhecimentos e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011, p. 327-346.

RICOEUR, Paul. **Temps et récit**. Paris: Seuil, , (Collection Essais). v. I, 1983.

SILVA, Giovani José da. **Diversidade étnica e fontes orais em fronteiras: vivências e narrativas Camba-Chiquitano entre Brasil e Bolívia**. História Oral, v. 16, n. 1, p. 23-49, 2013.

Entrevistas:

SANTOS, Manoel Constantino dos Santos, Pajé Maciel, 89 anos [Entrevista cedida à Antônia Aldeniza Silva Santos] Aratuba, CE, 05 e 24 de novembro de 2021. 1 arquivo MP3.

SANTOS, Manoel Constantino dos Santos, Pajé Maciel, 90 anos [Entrevista cedida à Antônia Aldeniza Silva Santos] Aratuba, CE, 29 de maio de 2022. 1 arquivo MP3.